



O GOLPE

CHRISTOPHER REICH

"Uma mistura de Hitchcock com Jason Bourne." JEFF ABBOTT, autor de *Blame*



OGOLPE





O GOLPE

CHRISTOPHER REICH



ARQUEIRO

Título original: *The Take*
Copyright © 2018 por Christopher Reich
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Magda Tebet e Lucas Bandeira de Mello
revisão: Juliana Souza e Luíza Côrtes
diagramação: Natali Nabekura
capa: Elmo Rosa
imagens de capa: Shutterstock
impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R276g Reich, Christopher
O golpe / Christopher Reich; tradução de Marcelo Mendes.
São Paulo: Arqueiro, 2019.
384 p.; 16 x 23 cm.
Tradução de: The take
ISBN 978-85-306-0051-8

1. Ficção americana. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

19-59717

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minha mãe, Babs Reich,
com amor*



CINQUENTA E NOVE SEGUNDOS.

Do instante em que o primeiro carro bloqueou a passagem do príncipe na Avenue du Général Leclerc até o momento em que os integrantes da quadrilha sequestraram os dois BMWs e deixaram o local, não se passou nem um minuto.

Ninguém gritou. Nenhum tiro foi disparado. O roubo foi executado com precisão e disciplina, empregando elemento surpresa, agilidade e força bruta, mas sem resvalar para a violência... a não ser por uma pancada num dos seguranças do príncipe.

Agora, 45 minutos depois, no meio de uma plantação de trigo a 30 quilômetros de Paris, observando as chamas devorarem os veículos roubados, Coluzzi finalmente podia relaxar. O americano estava certo desde o início.

O príncipe realmente viajava com um milhão de euros em espécie.

O COMBOIO DE DEZESSEIS BMWs havia chegado pontualmente às seis da tarde. Os sedãs pretos formavam uma única fila diante da entrada do Hotel George V, ocupando até o meio do quarteirão.

Sentado à mesa do Le Fouquet's, Tino Coluzzi terminou seu café expresso, deixou uma nota de 10 euros sob o pires e levantou-se, limpando os cantos da boca com um guardanapo antes de sair. Era um homem de estatura mediana, magro, e estava elegantemente vestido com um paletó claro de popelina, calças escuras e mocassins italianos. Óculos escuros protegiam os olhos do sol da tarde. Um bigode falso emoldurava a boca. Os cabelos muito pretos, recém-cortados e repartidos para o lado, cintilavam com a brilhantina.

Seria impossível detectar a pistola que escondia sob o braço esquerdo

ou o estilete que sempre levava junto do tornozelo. A pistola era pequena, calibre 22, mas estava carregada com munição de ponta oca. Ele a usava pouco, apenas quando atirava à queima-roupa. Preferia o estilete. Ao longo dos anos, havia desenvolvido uma impressionante destreza com a lâmina: atacava as vítimas na altura do coração e, em geral, já estava a uns dez passos de distância quando elas percebiam que tinham sido feridas.

– O príncipe está pagando a conta – disse, no fone em seu ouvido, o contato que ele tinha no hotel.

– Dinheiro vivo?

– Claro.

– Quanto?

– Só um instante.

Coluzzi foi descendo a rua na direção do hotel. Quem o visse ali, caminhando tão à vontade pela calçada, o tomaria por um desses eternos solteiros desocupados que circulam por Paris. O sol ainda estava alto. O cheiro que vinha do Sena, poucas quadras ao sul, refrescava o ar. Uma brisa suave balançava a copa das tílias plantadas a cada dez metros. Ninguém suspeitaria que aquele homem estava prestes a roubar uma fortuna.

Coluzzi seguia sem nenhuma pressa, fingindo admirar os artigos expostos nas vitrines das inúmeras butiques de luxo. Joias. Vestidos. Bolsas. Nada por menos de 10 mil euros. Como se exaurido pelo excesso de opções, parou diante da loja que dava diretamente para o hotel e, pelo reflexo da vitrine, ficou observando a porta giratória da entrada.

O George V – ou Four Seasons Hotel George V, segundo o nome oficial – era um dos hotéis mais antigos e de maior prestígio de Paris. Localizado no famoso Triângulo de Ouro do 8^o *arrondissement*, ficava pertinho da Champs-Élysées e a uns cinco minutos do Arco do Triunfo. A diária mais barata não saía por menos de mil euros.

– E aí? – perguntou Coluzzi. – Quanto?

– Cento e vinte e dois mil euros e uns trocados.

Aproximadamente 135 mil dólares. Coluzzi ainda usava a moeda americana para fazer suas contas.

“O príncipe nunca viaja com menos de um milhão de euros em espécie”, dissera o americano ao lhe oferecer o trabalho. “Sempre gasta uns 100 mil quando está na cidade. Então o que sobrar é seu.”

Eles haviam se encontrado no bar do Hotel Costes uma semana antes. O americano era um homem pálido, de aspecto cansado, com olhos escuros e

um sorriso nervoso que não combinava com a atmosfera elegante do local. A todo instante se desculpava por seu francês estar um tanto enferrujado.

O alvo do assalto era o príncipe saudita Abdul Aziz bin Saud, um playboy de 50 anos que viajava pelo mundo com as mulheres e os filhos como disfarce para suas farras. Nunca ia a lugar algum sem uma escolta de pelo menos cinco seguranças e só circulava pela cidade em um comboio de BMWs pretos. O objetivo de Coluzzi era interceptar os carros no trajeto até o Aeroporto de Orly, nos subúrbios ao sul de Paris.

“E a sua parte, quanto é?”, perguntara ele ao americano.

“Não é nada.”

“Nada?”

“Não é no dinheiro que estou interessado.”

O americano não informou onde conseguira o nome de Coluzzi ou o número de seu celular. No entanto, Coluzzi vira imediatamente que o homem pertencia ao submundo. Tanto melhor. Não confiava em gente honesta.

Um segurança saiu do hotel, depois outro, e Coluzzi sentiu o coração acelerar. Segundos depois, os homens voltaram para dentro.

Alarme falso.

– Droga, onde ele se meteu?

– Calma! A família já está toda aqui. Só mais um minuto.

Fazia três dias que Coluzzi e seus homens seguiam o príncipe, suas três mulheres e seus dez filhos enquanto eles gastavam em Paris. Dez mil euros por uma bolsa na Hermès. Vinte mil por um vestido na Chanel. Trinta mil por um relógio cravejado de diamantes na Cartier (presente para o primogênito de 12 anos). As refeições eram feitas nos melhores restaurantes: almoço no Epicure, coquetéis no Plaza Athénée, jantar no Jules Verne. O príncipe deixara os dogmas do islã na Arábia Saudita, junto com seu tapete de orações.

E agora ele acertava sua conta de 122 mil euros no hotel.

Portanto, ainda havia muito dinheiro para ser roubado.

– Eles estão saindo – alertou o informante.

Coluzzi redobrou a atenção. No reflexo da vitrine, viu um batalhão de funcionários deixar o hotel com uma infinidade de malas e sacolas para colocar no porta-malas dos carros. Os seguranças surgiram de novo. Quatro deles formaram uma espécie de cordão de isolamento para bloquear o trânsito de pedestres. Um quinto, que Coluzzi sabia ser o chefe do grupo, passou entre eles para esquadrihar a rua à procura de alguma ameaça. Como não

encontrou nada, voltou à porta e sinalizou para o príncipe, informando que o caminho estava livre.

Àquela altura, já havia se formado na rua uma pequena plateia de curiosos que assistia ao espetáculo com grande interesse. A fila de BMWs pretos. A montanha de bagagens. Os seguranças de terno preto. Virando-se, Coluzzi se permitiu olhar também. Não destoaria do resto.

As mulheres e as crianças deixaram o hotel como detentos a caminho do presídio, de cabeça baixa, nenhum sorriso à vista. Para a viagem de volta, as mães se escondiam inteiramente, inclusive o rosto, sob a tradicional burca preta. As filhas mais jovens cobriam a cabeça com echarpes Hermès. Os filhos vestiam-se de modo mais casual, com jeans rasgados e camisa para fora da calça. Nenhum deles cumprimentava os motoristas que lhes abriam as portas.

A princesa atravessou a porta giratória e parou um instante até receber o sinal verde do chefe da segurança, que conferiu uma última vez a rua. Não vestia burca como as outras, mas um paletó azul-marinho e calça marrom. Pendurada no ombro, levava uma enorme bolsa branca.

“O príncipe sempre vai com a princesa no quinto carro”, informara o americano, depois de Coluzzi aceitar o trabalho. “É o seu número da sorte. O dinheiro vai sozinho no sexto.”

A princesa caminhou até o quarto carro e disse algo ao motorista. Preocupado, Coluzzi mentalmente a advertiu: *No quarto carro, não. No quinto.*

A mulher, claro, não lhe deu atenção. Colocou o pé no automóvel e baixou a cabeça para entrar, mas parou quando um homem gritou, repreendendo-a. À porta do hotel, o príncipe gesticulava, irritado, para a esposa. Ela então deu meia-volta e entrou no quinto carro.

Coluzzi relaxou.

Agora era a vez do príncipe. Ele saiu do hotel na companhia do gerente do lugar, os dois caminhando de braços dados pela calçada. O príncipe era um homem bonito. Vestia as roupas tradicionais do seu país, o branco da túnica (*thobe*) fazendo um belo contraste com o xadrez vermelho do lenço (*kaffiyeh*) e o preto do cordame (*gutra*) que o prendia à cabeça. Estava usando os óculos escuros de sempre e levava uma pasta de couro.

“Tudo o que eu quero é a pasta do príncipe. O resto é seu.”

“Só a pasta?”

“Sim. Uma pasta marrom, de couro de bezerro. A alça também é de couro”, dissera o americano, sem maiores explicações. “Então, negócio fechado?”

Coluzzi respirou aliviado. Nos últimos dois dias, não vira nem sinal da pasta e começara a recear que o príncipe não a tivesse trazido naquela viagem. Mas lá estava ela, graças a Deus. “Pasta marrom.” “A alça também é de couro.” Ele estava tão concentrado nela que quase não viu um segurança acomodar uma mala metálica no porta-malas do sexto carro.

“O dinheiro vai sozinho no sexto.”

Quando o príncipe se aproximou de seu BMW, o motorista fez menção de segurar a pasta para ajudá-lo a entrar no veículo. Como um jogador de rúgbi acuado pela defesa adversária, o príncipe deu-lhe as costas e abraçou a pasta. Assustado, o motorista se afastou rápido.

O príncipe despediu-se do gerente do hotel com um último “obrigado” e um aperto de mão. O francês curvou-se num gesto de agradecimento e, com uma destreza que deixou Coluzzi impressionado, guardou no bolso a gorjeta que acabara de receber. Ele acenou um adeus final para o príncipe quando este desapareceu dentro do carro.

Instantes depois, o primeiro BMW do comboio avançou rua afora, logo seguido pelo segundo. Em questão de minutos, já estavam todos a caminho do Aeroporto de Orly.

A Avenue George V retornou à sua tranquilidade. A agitação terminara. Aquela voltou a ser apenas mais uma preguiçosa tarde de domingo do mês de agosto.

Um Renault branco parou ao lado de Coluzzi. Ele pulou rapidamente para o banco do passageiro e pegou o rádio que estava no console central.

– O pombo acabou de voar do poleiro – disse, o carro já em disparada.
– Está indo na sua direção.

O PRÍNCIPE ABDUL AZIZ BIN SAUD sentou-se e bufou.

– Pise fundo. Não quero me atrasar – pediu ao motorista.

– O avião é nosso, querido – falou a mulher, cobrindo a mão dele com a sua. – Podemos sair no horário em que quisermos.

Ele examinou as unhas vermelhas e a maquiagem dela e recolheu a mão.

– Alguém perguntou a sua opinião?

A princesa se afastou e não disse mais nada.

Abdul Aziz olhava pela janela enquanto o carro atravessava a Pont de l'Alma e seguia à sombra da Torre Eiffel. Ele sabia que deveria estar muito feliz, talvez até exultante, pois acabara de realizar a maior façanha de sua vida. Mas a verdade era que, se a carta não chegasse às mãos certas, nada

daquilo teria adiantado. Nesse momento, ele só queria uma coisa: sair de Paris o mais rápido possível.

Baixando os olhos para a pasta que levava entre os pés, sentiu o coração disparar. Pensou na carta que estava ali dentro: um bilhete pessoal de um homem para outro, manuscrito em tinta azul no mais exclusivo dos papéis, perfeitamente conservado trinta anos após ter sido escrito.

Não se tratava de um bilhete qualquer, mas de algo capaz de derrubar governos, redefinir alianças e tirar a vida de muita gente ao longo do caminho.

Instintivamente, ele firmou a pasta entre as canelas. Inclinando-se para a frente, apertou o ombro do motorista e disse:

– Mais depressa.

TINO COLUZZI ATRAVESSAVA A CIDADE na esteira do comboio. O príncipe havia escolhido um caminho inusitado para o aeroporto, valendo-se do pouco trânsito de domingo para cruzar as ruas e avenidas de Montparnasse e seguir rumo à Porte d'Orléans, na parte sul da cidade. Se tivesse tomado, como seria normal, a Périphérique, uma rodovia movimentada, levaria uns dez minutos a mais para chegar ao aeroporto. A economia de tempo, no entanto, tinha um preço alto em termos de segurança. Era praticamente impossível parar um comboio de dezesseis carros nas oito pistas da Périphérique, mas nem tão difícil assim numa via comum.

O Renault sacolejou ao passar por um buraco antes do cruzamento e Coluzzi apertou os dedos na coronha do seu fuzil AK-47. Àquela altura, ele já havia trocado o paletó de popelina e os sapatos italianos pelo mesmo uniforme preto dos outros homens que o acompanhavam no carro. Três quadras adiante, o último semáforo antes da Porte d'Orléans ficou vermelho. Se o príncipe conseguisse passar dali, alcançaria a via expressa e anularia todas as chances de sucesso do assalto.

– Mais depressa – disse Coluzzi, colocando a mão direita na maçaneta da porta.

O motorista pisou fundo e parou a poucos metros do último BMW do comboio.

– Agora – ordenou Coluzzi pelo rádio.

Segundos depois, um carro idêntico ao seu surgiu à frente do comboio pela primeira transversal e bloqueou o caminho. Os motoristas foram freando um a um, dando início a uma cascata de luzes vermelhas na traseira dos carros. O comboio parou.

– Pode bater – instruiu Coluzzi, já se preparando para o baque.

A cerca de 10 quilômetros por hora, o Renault avançou e bateu no BMW à sua frente.

O comboio estava imobilizado.

Coluzzi vestiu o gorro preto e saiu do carro. Ainda corria ao lado dos sedãs quando viu o terceiro Renault branco chegar por uma das ruas laterais.

Em poucos instantes, ele e seus comparsas estavam todos no asfalto, um total de doze homens, vestidos de preto da cabeça aos pés e armados com fuzis AK-47 de pente extragrande, idênticos ao que ele mesmo carregava. O bando se espalhou em torno do comboio, apontando as armas para os carros parados. Coluzzi se dirigiu ao quinto da fila e precisou de apenas duas coronhadas para estilhaçar a janela do motorista.

– Abra as portas! – berrou. – Todo mundo para fora!

O motorista saiu com as mãos para o alto. Coluzzi derrubou-o e, como medida de segurança, imobilizou-o, pisando em suas costas.

– Para fora! Agora!

Um segurança desceu de um dos últimos BMWs. Era o chefe do grupo, empunhando sua pistola. Ele avançava devagar, sem saber direito o que fazer, mais uma demonstração maluca de fidelidade ao príncipe do que uma real tentativa de desbaratar o assalto. Mal tinha ultrapassado seu próprio carro quando recebeu uma coronhada de um dos homens de Coluzzi e se esborrachou no chão feito um saco de batatas.

Coluzzi abriu a porta traseira do BMW do príncipe.

– Vossa Alteza, tenha a bondade – disse.

Abdul desceu e ofereceu a mão para ajudar a princesa. Eles agora olhavam um para o outro, mudos.

Imediatamente, um dos homens de Coluzzi entrou no carro, assumiu o volante e fechou a porta. Coluzzi correu para o carro seguinte, o sexto, onde ia o dinheiro.

– Fora!

O motorista obedeceu.

– No chão.

Outro comparsa jogou seu fuzil no banco do passageiro e se acomodou ao volante.

– Meus pertences – falou o príncipe, olhando para a pasta de couro do outro lado da janela. – Por favor.

Coluzzi voltou para perto dele.

– A pasta fica – informou.

– São apenas documentos de trabalho. Não têm valor para você.

Os homens do bando já começavam a voltar para os Renaults.

Coluzzi deu um empurrão para afastar Abdul do carro, derrubando seus óculos, e o príncipe reagiu, numa vã tentativa de passar por Coluzzi. A princesa tentou deter o marido, mas ele a afastou de forma brusca. Desesperado, Abdul agarrou Coluzzi pela túnica.

– Vou encontrar você – avisou.

Coluzzi encarou o príncipe. Viu em seus olhos raiva e determinação. Aquele era o olhar de alguém habituado à violência e ao cumprimento incondicional de suas vontades. Não era o olhar de um simples playboy.

– Desculpe – disse Coluzzi, usando o cano do fuzil para se desvencilhar do príncipe. – Agora preciso ir.

Abdul se afastou.

Coluzzi bateu no teto do BMW do príncipe, esperou que os dois comparsas manobrassem para sair do comboio, depois voltou correndo para o Renault que o aguardava no fim da fila.

– *Allons-y*, vamos.

Enquanto o carro se afastava, olhou para trás e viu o casal real encarando o espaço vazio deixado pelos dois sedãs sequestrados.

Ficou se perguntando se o príncipe ainda considerava o cinco seu número da sorte.

COLUZZI JOGOU O GALÃO DE GASOLINA vazio no banco dianteiro de um dos BMWs e ficou observando as chamas devorarem os carros. Deixara dentro deles as roupas, os óculos, os sapatos, as meias e até mesmo o bigode falso que usara. Tudo que pudesse ligá-lo ao crime precisava ser incinerado.

Seu telefone tocou.

– Sim.

– Já contamos o dinheiro.

– E aí?

– Seiscentos e vinte e dois mil.

– Nada mau por alguns dias de trabalho.

– Nada mau mesmo.

– Chego em dez minutos.

Coluzzi voltou para seu carro. O motorista já o esperava com o motor ligado, e logo estavam a mais de cem por hora na estrada rural. Olhando

para a pasta de couro, lembrou-se de como o príncipe relutara em abrir mão dela. Depois pensou no americano pálido, na sua cara cansada, em sua dificuldade com a língua francesa.

“Tudo o que eu quero é a pasta do príncipe”, dissera ele. “O resto é todo seu.”

Seu celular tocou outra vez: o americano chamando. Ele não atendeu.

Deixou a ligação cair na caixa postal.

– Para onde estamos indo? – perguntou o motorista.

Coluzzi colocou a pasta no colo.

– Apenas dirija – respondeu.

CONHEÇA OS LIVROS DE CHRISTOPHER REICH

A traição

A vingança

A farsa

O golpe

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

